

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

PEDRO SOUZA BAGGIO GARLIPP

O TRABALHO COMO CATEGORIA ONTOLÓGICA DO SER SOCIAL

RECIFE
2024

PEDRO SOUZA BAGGIO GARLIPP

O TRABALHO COMO CATEGORIA ONTOLÓGICA DO SER SOCIAL

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a aprovação na disciplina de Monografia II do Curso de Bacharelado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Érico Andrade Marques de Oliveira

RECIFE

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Garlipp, Pedro Souza Baggio.

O trabalho como categoria ontológica do ser social / Pedro Souza Baggio
Garlipp. - Recife, 2024.
21 p.

Orientador(a): Érico Andrade Marques de Oliveira

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Filosofia -
Bacharelado, 2024.

1. Trabalho. 2. Ontologia. 3. Marxismo. 4. Filosofia Contemporânea. 5.
Lukács. I. Oliveira, Érico Andrade Marques de. (Orientação). II. Título.

100 CDD (22.ed.)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à todos que participaram de alguma forma no processo de elaboração desse trabalho, em especial:

Aos meus pais, por todo o incentivo e apoio aos meus estudos;

À Maria, pelo companheirismo, pela ajuda e por estar ao meu lado em todos os momentos;

Ao Professor Érico Andrade, pela atenção, zelo e empenho durante o processo de orientação;

À todos os professores do Departamento de Filosofia da UFPE, pela formação proporcionada e dedicação para a manutenção e melhoria do curso de filosofia;

Aos amigos que fiz ao longo da graduação, pelos quais nutro profunda admiração e carinho;

E à todos que, de alguma forma, possibilitaram que eu pudesse chegar a este momento.

Meus mais sinceros agradecimentos.

RESUMO

O seguinte trabalho pretende abordar a categoria do trabalho presente nas obras de Marx e como foi feito o resgate desta a partir de uma perspectiva ontológica. Pretende-se, com isso, mostrar o percurso de Lukács e a definição que este recupera de Marx da categoria do trabalho, principalmente no capítulo um do segundo tomo da *Ontologia do Ser Social*, para, posteriormente, dissertar sobre a ontologia geral de Lukács. Ainda, faz parte do escopo deste trabalho, tratar dos objetivos e do impacto que a obra teve na filosofia contemporânea e na tradição marxista.

Palavras-chave: Trabalho, Ontologia, Marx, Lukács, Marxismo, Filosofia Contemporânea

ABSTRACT

The following work aims to address the category of labor present in Marx's works and how its rescue was carried out from an ontological perspective. The intention is to show Lukács's journey and the definition he retrieves from Marx regarding the category of labor, especially in Chapter One of the second volume of the *Ontology of Social Being*, in order to subsequently discuss Lukács's general ontology. Furthermore, it is within the scope of this work to deal with the objectives and the impact that the work had on contemporary philosophy and the Marxist tradition.

Keywords: Labor, Ontology, Marx, Lukács, Marxism, Contemporary Philosophy

I. INTRODUÇÃO

A filosofia contemporânea é marcada, por um lado, pela tentativa de superação dos sistemas filosóficos modernos, ou seja, à filosofia não caberia mais explicar a realidade em sua totalidade. Como afirma Lyotard (2009), em uma de suas principais teses, a filosofia contemporânea é caracterizada pelo fim das grandes narrativas. Assim, filósofos do século XX não estavam mais interessados em explicações globais da realidade, mas antes, por compreensões de determinados âmbitos da realidade e suas relações entre si.

Por outro lado, mesmo no século XX, alguns autores ainda trabalhavam com termos da tradição filosófica com o intuito de expandi-los e abarcar novas áreas da realidade. Neste segundo tipo de reflexão situa-se Gyorgy Lukács, o qual, dentre outras coisas, buscou uma fundamentação filosófica do marxismo, principalmente a partir da ontologia. Lukács irá sugerir categorias ontológicas com as quais o marxismo trabalha, implicando num conjunto que abarcam a totalidade do real.

Este trabalho filosófico em cima da tradição marxista, e mais especificamente do próprio Marx, era importante para o Lukács dos pontos de vista político e filosófico. Primeiramente, o filósofo húngaro é conhecido como um dos fundadores do marxismo ocidental, ao publicar o clássico *História e Consciência de Classe*. Esta tradição dentro do marxismo caracterizou-se pela confrontação à ideologia vigente nos países socialistas¹ e por perspectivas novas dentro do marxismo, buscando compreendê-lo não somente pela economia, mas pelas suas bases filosóficas (ANDERSON, 1976). Assim, Lukács buscava combater não somente a ideologia vigente da União Soviética, o que sempre fez na sua trajetória intelectual, mas também ao fascismo que avançava na Europa no início do século passado.

Do ponto de vista filosófico, o pensamento lukacsiano buscou sempre debater com as correntes filosóficas contemporâneas ao seu pensamento sob a ótica do marxismo, sempre defendendo a superioridade teórica de Marx e Engels para a filosofia. Dessa forma, é possível perceber que é importante para Lukács a compreensão filosófica do marxismo e a utilização dessa tradição para compreender a própria história da filosofia. Este trabalho é bastante claro em suas obras *A Destruição da Razão*, na qual ele irá traçar um caminho dentro da filosofia alemã, do idealismo alemão até a fenomenologia

1 "Lukács tinha perfeita consciência do extremo empobrecimento sofrido pelo pensamento marxista durante a época staliniana. Aos seus olhos, o stalinismo consistia não apenas em um período de "profunda desumanidade" e de crimes, mas também num conjunto de concepções teóricas que havia pervertido a própria natureza do pensamento de Marx." (TERTULIAN, N. 1996)

hermenêutica, para tentar compreender o fenômeno intelectual do irracionalismo (LESSA, 2011), e na *Ontologia do Ser Social*, texto da sua maturidade intelectual, publicado nos anos 60 e no qual Lukács irá não só debater com as principais correntes filosóficas do século XX, mas também expor, no segundo tomo, as categorias que ele crê serem fundamentais para a compreensão do ser.

A categoria fundamental do ser social, ou melhor, a que permite a compreensão desse modo de ser, é o trabalho. Nesse quesito, Lukács foi profundamente influenciado pelos *Manuscritos de 1844*, obra do jovem Marx². Nestes escritos, há alguns conceitos fundamentais que irão ser utilizados depois n' *O Capital*, como o estranhamento e o trabalho, e que influenciaram a ontologia de Lukács. Alguns pontos fundamentais para a compreensão do trabalho são expostas por Marx nos Manuscritos, principalmente no que se refere à relação entre ser humano e natureza.

“O trabalhador nada pode criar sem a natureza, sem o mundo exterior sensível (*sinnlich*). Ela é a matéria na qual o seu trabalho se efetiva, na qual [o trabalho] é ativo, [e] a partir da qual e por meio da qual [o trabalho] produz”

(MARX, K. 2004. p.81)

Nesse trecho, fica entendido que, para Marx, não é possível compreender o trabalho sem sua relação intrínseca com a natureza. O mundo externo, portanto, cumpre um papel fundamental na própria dinâmica humana, pelo fato de que “a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza” (MARX, K. 2004. p. 84). Assim, o importante é que na relação ser humano e natureza, o papel fundamental é a manutenção da vida humana. Sem essa relação, não seria possível satisfazer as necessidades humanas. O ser humano está conectado de maneira fundamental com o mundo externo pois assim mantém-se vivo. Dessa forma, é possível perceber o caráter essencial do trabalho, uma vez conceituado, ao menos inicialmente, como esta relação que o ser humano estabelece com o exterior, e que permite-o satisfazer suas necessidades.

2 Lukács afirmou em entrevista à *New Left Review*: “Quando estive em Moscou, em 1930, Riazanov me mostrou os textos escritos por Marx em Paris, em 1844. Vocês nem podem imaginar minha excitação, a leitura desses manuscritos mudou toda a minha relação com o marxismo e transformou minha perspectiva filosófica.” (LUKÁCS, G. *apud* JINKINGS, I. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. p.10. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.)

Lukács, por sua vez, viu nessa perspectiva o caráter ontológico do trabalho. Ou seja, para o filósofo húngaro, por esse caráter de dependência das nossas necessidades com o trabalho, estaria contido o caráter essencial do trabalho na existência. Portanto, a ideia de Lukács na sua ontologia é a de “demonstrar que o pensamento de Marx está ancorado numa ciência do ser e de suas categorias” (TERTULIAN, 2011. p. 9).

Mesmo que se sobressaia a influência marxiana na *Ontologia*, de certa forma, esta foi bastante influenciada pelos trabalhos de Nicolai Hartmann³, importante filósofo do século XX, o qual se debruçou sobre a questão do ser em seus trabalhos. Lukács, inclusive, escreve um capítulo dedicado exclusivamente ao Hartmann na *Ontologia do Ser Social*, debatendo o que ele pensava serem os limites e os avanços da ontologia hartmaniana.

“Na realidade, Lukács começou a interessar-se pelo pensamento de Hartmann, e especialmente por seus trabalhos de ontologia, no momento em que ele mesmo sentiu a necessidade de dar fundamentos categoriais sólidos ao seu pensamento sobre a sociedade e sobre as diferentes atividades do espírito (arte, ciência, religião), fundamentando sua filosofia marxista em uma teoria geral das categorias do ser.”

(TERTULIAN, 2011. p. 3)

Assim, percebe-se que a intenção de Lukács é a de juntar em um único trabalho, duas áreas que antes eram compreendidas como distintas e, até mesmo, antagônicas. Por um lado, o marxismo, que por sua origem com Marx e Engels rejeitava a metafísica e buscava, por meio do materialismo histórico dialético, o conhecimento das estruturas sociais ancoradas no desenvolvimento histórico. Por outro, a ontologia, o estudo do Ser, que se desenvolveu ao longo da história da filosofia de maneira extremamente especulativa e por muitas vezes, sendo até um problema filosófico esta distinção, unida à metafísica. Porém, como afirma Nicolas Tertulian na passagem supracitada, a ideia de

3 Para conferir a influência de Hartmann no pensamento de Lukács conferir: TERTULIAN, Nicolai. Nicolai Hartmann e Georg Lukács: uma aliança fecunda. **Crítica Marxista**, Campinas, v. 1, n. 33, p. 115-125, abr./2011.

Lukács é fundamentar a teoria marxista em bases ontológicas, com o uso de categorias gerais do ser que possibilitem, no real, as transformações que o marxismo busca.

Nesse sentido, o trabalho corresponde a uma das categorias ontológicas que Lukács opera. Além disso, esta categoria possibilita a existência das outras (a ideologia, a reprodução e o estranhamento) justamente porque, em seu ser, o trabalho eleva o modo de ser do humano, sendo não mais meramente biológico, que vive de acordo com a norma natural, mas tornando-se ser social, no qual o ser humano é compreendido enquanto capaz de transformar radicalmente o mundo em que vive. Dessa forma, este conceito que, ao longo da história da filosofia foi trabalhado por Aristóteles e Hegel, ganhará, em Marx, um estatuto fundamental na existência humana e, em Lukács, a forma de categoria ontológica central.

2. O TRABALHO

Ao longo da história da filosofia, diversos autores se propuseram a fundamentar a existência humana em torno de alguma categoria fundamental. Seja com o *cogito* cartesiano, estipulando uma noção de subjetividade que iria influenciar todo o pensamento moderno posterior, sejam as intuições *a priori* kantianas que fundamentam o sujeito do conhecimento, em muitos casos os filósofos se debruçaram acerca da questão do fundamento do ser humano.

Em Marx, o trabalho possui essa característica. Ao mesmo tempo em que o trabalho surge como “mediação do metabolismo entre ser humano e natureza” (MARX, 2013. p. 120), o trabalho também tem um outro sentido, quando “[o ser humano] agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento [o trabalho], ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza” (MARX, 2012, p. 192). Ou seja, o trabalho tem um duplo movimento. Ao passo que é uma capacidade humana de agir sobre a natureza, modificando-a em prol das suas necessidades, esta, também, tem a capacidade de fundamentar o próprio ser humano neste “afastamento da barreira natural”, isto é, a sua diferenciação dos seres biológicos. Nesse sentido, o trabalho “é a condição fundamental de toda a vida humana; e o é num grau tão elevado que, num certo sentido, pode-se dizer: o trabalho, por si mesmo, criou o homem.” (ENGELS, 1979. p. 216).

Portanto, é a partir dessas colocações de Marx e Engels que Lukács desenvolverá o trabalho enquanto categoria ontológica. As indicações dadas pelos dois autores permitem

a compreensão nesse sentido. E, dessa forma, o trabalho adquire, no pensamento marxiano, um caráter essencial para a constituição humana. É por meio dessa capacidade de relacionar-se com a natureza, modificando-a, que os humanos diferenciam-se de outras espécies. Engels afirma explicitamente:

“Resumindo: o animal apenas *utiliza* a Natureza, nela produzindo modificações somente por sua presença; o homem a submete, pondo-a a serviço de seus fins determinados, imprimindo-lhe as modificações que julga necessárias, isto é, *domina* a Natureza. E esta é a diferença essencial e decisiva entre o homem e os demais animais; e, por outro lado, é o trabalho que determina essa diferença.”

(ENGELS, 1979. p. 223)

Desse modo, e mesmo nas ações mais primitivas, como coletar recursos naturais para construir um abrigo ou alguma ferramenta, essas ações possuem em seu ser o poder de elevar a condição humana a um grau diferente dos seres biológicos. Isso se dá pelo fato de que há uma distinção, segundo Marx e Engels, na relação entre ser humano e natureza e a dos animais com essa. Tal distinção reside no fato de que os humanos possuem a capacidade de, internamente, idealizar (ou projetar) novos objetos, feitos a partir dos recursos naturais, que tem por serventia a satisfação de determinada necessidade. Para exemplificar: o processo de feitura de um martelo. A constituição desse objeto se dá a partir da natureza (o cabo feito de madeira e a cabeça do martelo feita de pedra, por exemplo). Mas, esses objetos estão dados separadamente na natureza. Cabe, então, a ação humana de transformar, unindo esses dois, em um novo objeto. Esse novo objeto, no exemplo, o martelo, não existia materialmente, mas antes, enquanto projeção ideal realizada internamente. Esta projeção se dá porque há uma finalidade na feitura do objeto, seja facilitar alguma atividade, ou suprir alguma necessidade. Marx expõe que:

“Pressupomos o trabalho numa forma em que ele diz respeito unicamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e uma abelha

envergonha muitos arquitetos com a estrutura de sua colmeia. Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia pronta em sua mente antes de construí-la com a cera. No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, portanto, um resultado que já existia idealmente”.

(MARX, K. 2011)

Aqui, se mostra um outro caráter do trabalho: a teleologia. Marx afirma, nessa passagem, que a finalidade imposta à natureza para a confecção de novos produtos marca a atividade humana. Esse caráter ativo de colocar um fim, um objetivo, por meio de uma projeção, é a característica que nos distancia de outros seres vivos. O trabalho, portanto, tem como elemento fundamental o processo teleológico. E, além disso, tem um caráter ativo, no sentido de ser a atividade prática humana, de transformação do meio. Desse modo, Lukács compreende que “a teleologia, em sua essência, é uma categoria posta: todo processo teleológico implica o pôr de um fim e, portanto, numa consciência que põe fins.” (LUKÁCS, 2013 p. 48)

Assim, é possível compreender que o autor utiliza o termo pôr teleológico para designar o caráter ativo do trabalho. As finalidades são postas pelos seres humanos e, a partir dessas finalidades projetadas e confrontadas com a realidade, transformam não só o meio mas o próprio sujeito transformador.

Tal processo é o elemento fundamental do trabalho. Sem a capacidade de pôr finalidades às suas atividades, não existiria forma de efetivamente transformá-lo. Pois, a capacidade de transformação da natureza pelo trabalho se dá, antes de tudo, na consciência que projeta, no mundo externo, fins que antes não eram dados. Por isso, Lukács afirma: “Só podemos falar racionalmente do ser social quando concebemos que a sua gênese, o seu distinguir-se da sua própria base, seu tornar-se autônomo baseiam-se no trabalho, isto é, na contínua realização de pores teleológicos.” (LUKÁCS, 2013. p. 52)

Ao colocar a teleologia no âmbito do trabalho, ou seja, do ser social, Lukács tenta, dessa forma, excluir qualquer forma de finalismo imanente na natureza. Assim, o filósofo

húngaro considera que a teleologia, ou a atividade finalística é própria da consciência humana na sua relação com a natureza, enquanto essa é dominada pela causalidade. Dessa maneira, não há qualquer tipo de curso que a natureza, ou qualquer outro âmbito que não seja o trabalho, siga em sua essência. De outra maneira, não há movimento teleológico fora do trabalho.

“O trabalho introduz no ser a unitária inter-relação, dualisticamente fundada, entre teleologia e causalidade; antes de seu surgimento havia na natureza apenas processos causais. Em termos realmente ontológicos, tais complexos duplos só existem no trabalho e em suas consequências sociais, na práxis social. O modelo do pôr teleológico modificador da realidade torna-se, assim, fundamento ontológico de toda práxis social, isto é, humana. Na natureza, em contrapartida, só existem conexões, processos etc. causais, nenhum de tipo teleológico.”

(LUKÁCS, 2011. p. 41)

A natureza, em seu ser, é dominada pela categoria da causalidade. Isto posto, é a atividade finalística do ser humano (o trabalho) que impõe um objetivo, e assim, ordena a causalidade posta da natureza. Por exemplo, o fato de uma planta crescer em determinado lugar é uma mera causalidade (depende de diversos fatores, todos eles contingentes, como por exemplo, a semente ser levada por um animal e cair em determinado local). Mas, na agricultura, há um ordenamento imposto: há alguém para dispor as sementes em locais preestabelecidos, com o intuito de otimizar o plantio e, conseqüentemente, também a colheita. Ora, este simples fato demonstra como a natureza é caracterizada pela causalidade e, o ser humano em sua atividade prática (práxis) em relação com ela, a transforma, impondo fins anteriormente pensados e alterando o curso natural, meramente contingente.

Essa compreensão tem bastante valor no seio do pensamento lukácsiano, pois, a partir dela o autor pode tecer uma crítica mais severa ao marxismo tecnicista que, segundo ele, imperava na União Soviética do período stalinista. Nessa visão do

marxismo, todas as formações sociais seriam um desenvolvimento da humanidade em virtude de um fim imanente ou transcendente (TERTULIAN, 1996. p. 7). Essa concepção torna o marxismo apenas uma “virada materialista de Hegel”, na qual ao invés da realização da Ideia na História, temos o movimento de realização das relações de produção que levariam a um fim já contido na própria essência da história humana.

Tal concepção engessava o marxismo e retirava o papel efetivo dos indivíduos na história. Lukács deseja, assim, recolocar o papel ativo de transformação que os indivíduos têm no mundo por meio de sua atividade prática. O trabalho, portanto, tem essa importância fundamental de ser a capacidade transformativa da natureza. Então, ao colocar o trabalho enquanto categoria ontológica, Lukács renova a possibilidade da revolução política, objetivo da tradição marxista, estipulando os seres humanos enquanto ontologicamente postos para transformar o mundo em que vivem. Sintetizando, na ontologia, o filósofo húngaro quer “devolver os rumos da história”, e também a filosofia, para os trabalhadores (LESSA, 2001). Este era um dos objetivos propostos por Lukács ao iniciar o projeto da Ontologia do Ser Social. Segundo Tertulian:

“Seu objetivo é superar duas deformações simétricas do pensamento de Marx, cada uma das quais contribuindo para comprometer-lhe ou destruir-lhe a credibilidade. O determinismo unívoco, que absolutiza o poder do fator econômico, tirando a eficácia dos outros complexos da vida social, é condenado com rigor não inferior àquele usado para condenar a interpretação teleológica, que, por sua parte, fetichiza a necessidade ao considerar toda formação social ou toda ação histórica como um passo no caminho para a realização de um fim imanente ou transcendente.

(TERTULIAN, 1996. p. 7)

Assim, Lukács tem dois objetivos com o seu projeto filosófico, com fortes implicações políticas. O primeiro, supracitado, é a superação da interpretação teleológica da natureza. O segundo é combater economicismo dentro do marxismo.

De forma sutil, Lukács muda o enfoque da economia, ou das relações de produção, para a práxis humana - a relação ser humano e natureza e o processo de transformação decorrente do trabalho. O trabalho é visto enquanto categoria fundamental, elemento que inaugura o ser social, e a sociedade - definida enquanto “complexo de complexos” por Lukács - têm como elementos fundamentais de tais complexos o trabalho. De outra forma, os complexos sociais (o Direito, a Economia, a Linguagem) todos são oriundas do trabalho, ou seja, da nossa atividade prática. Assim, a perspectiva lukácsiana segue a tradição materialista, mas tira da economia o papel principal de determinação. O determinante, para Lukács, não é a economia, esta tem como elemento fundador a atividade prática humana, que demanda relações econômicas para se desenvolver. Assim como a linguagem, que Lukács entende ser uma necessidade da divisão do trabalho. Pois, para otimizar os processos sociais primitivos (como a caça ou a pesca), a organização demandava comunicação e planejamento entre os integrantes, que assim conseguiam melhorar seus processos.

Assim, entende-se que a ontologia lukácsiana funda-se em elementos centrais, numa tentativa de compreender Marx longe dos determinismos econômicos, que tem por objetivo compreender as categorias centrais que regem a sociabilidade humana. O trabalho, então, tem o papel elementar de permitir o “afastamento das barreiras naturais” por demandar novos complexos durante o seu processo prático. Dessa forma, Lukács busca também compreender a linguagem, o direito e a economia através da sua compreensão do pensamento marxiano.

3. OS TRÊS ESTÁGIOS DO SER

Além de resgatar a categoria do trabalho em Marx, Lukács, sob forte influência da filosofia de Nicolai Hartmann, propõe uma ontologia da natureza. Ou, mais especificamente, dos diferentes estágios do ser que compõe o mundo. Assim, o autor faz uma distinção das formas de ser, os quais, em sua visão, se resumem em três: o ser inorgânico, o ser orgânico e o ser social (LUKÁCS, 2011). Cada estágio do ser deve ser compreendido em sua complexidade particular, mesmo estando todos os três interrelacionados.

“[...] qualquer estágio do ser, no seu conjunto e nos seus detalhes, tem caráter de complexo, isto é, que as suas categorias, até mesmo as mais centrais e determinantes, só podem ser compreendidas adequadamente no interior e a partir da constituição global do nível de ser de que se trata”

(LUKÁCS, G. 2013. p. 41)

Assim, cada forma de ser possui, em um grau qualitativo, independência ontológica das outras. Ao contrário, não seria possível estabelecer nenhuma forma de distinção entre os estágios do ser. A distinção ontológica “se trata de uma transição à maneira de um salto - ontologicamente necessário - de um nível de ser a outro, qualitativamente diferente”. (LUKÁCS, 2013. p. 43). Ao contrário do ser inorgânico, o qual possui completa independência ontológica das outras formas de ser, o ser biológico não é completamente independente do inorgânico, e o ser social não pode ser completamente independente destas outras duas formas.

“A ciência atual já começa a identificar concretamente os vestígios da gênese do orgânico a partir do inorgânico e nos diz que, em determinadas circunstâncias (ar, pressão atmosférica etc) , podem nascer complexos extremamente primitivos, nos quais já estão contidas em germe as características fundamentais do organismo. [...] Além do mais, a teoria do desenvolvimento dos organismos nos mostra como gradualmente, de modo bastante contraditório, com muitos becos sem saída, as categorias específicas da reprodução orgânica alcançam a supremacia nos organismos. E característico, por exemplo, das plantas que toda a sua reprodução - de modo geral, as exceções não são relevantes aqui - se realize na base do metabolismo com a natureza inorgânica. E só no reino animal

que esse metabolismo passa a realizar-se unicamente, ou ao menos principalmente, na esfera do orgânico e, sempre de modo geral, o próprio material inorgânico que intervém somente é elaborado passando por essa esfera. Desse modo, o caminho da evolução maximiza o domínio das categorias específicas da esfera da vida sobre aquelas que baseiam a sua existência e eficácia na esfera inferior do ser.”

(LUKÁCS, 2013. p. 42)

Acontece que há um afastamento qualitativo de uma forma de ser para outra. O ser biológico possui como essência a reprodução. Ora, isso representa uma distinção essencial em relação ao inorgânico. Porém, não há ser orgânico sem interação com o meio inorgânico. Há, em todo o caso, uma relação de dependência. Com o ser social, por mais que o trabalho represente o salto ontológico, ou seja, uma mudança qualitativa que o distingue do biológico, ainda assim é inegável que existem relações físico-químicas e um corpo regido por leis biológicas.

“No que se refere ao ser social, esse papel é assumido pela vida orgânica (e por seu intermédio, naturalmente, o mundo inorgânico). Em outros contextos, já expusemos essa direção de desenvolvimento do social, daquilo que Marx chamou de "afastamento da barreira natural".”

(LUKÁCS, 2013. P. 42)

Assim, o salto qualitativo não representa uma completa independência ontológica, mas antes, uma distinção qualitativa de essências. O ser biológico é dado, em seu ser, pela reprodução. Mas, para Lukács, o ser social não pode ser compreendido somente por meio de suas características biológicas, mas antes, pelo desenvolvimento do social, desse “afastamento das barreiras naturais” que representa sua distinção qualitativa das

outras formas de ser. Evidentemente, essa compreensão só pode ocorrer por meio do trabalho que, para ele, funda o ser social, distinguindo-o dos outros níveis de ser.

Porém, não há em Lukács nenhuma dimensão valorativa dessas formas, ou seja, não existe um desdobramento linear ou teleológico no desenvolvimento dos modos de ser, nos quais haveria um aperfeiçoamento ou um objetivo final a ser atingido pela natureza. O desenvolvimento, ou a complexificação dos modos de ser se dá através do processo histórico, com suas contradições. Com isso, Lukács pode elaborar sua ontologia aos moldes do materialismo histórico, com o qual se coloca sempre como defensor.

“As nossas considerações tomam o ponto de partida e o método do marxismo, materialista e dialético, reflexo ontológico-intelectivo da realidade. O materialismo na ontologia implica não somente que ela venha livre dos ofuscamentos provocados pelas categorias lógicas e gnosiológicas, mas também e sobretudo que se distinga, de maneira inequívoca, entre considerações ontológicas e valorativas”

(LUKACS, 1981, p. 165)

Com isto, é possível perceber que o trabalho apresenta-se enquanto elemento fundamental do ser social. Ou seja, é por causa do trabalho que há uma distinção entre o ser social e o biológico (e o inorgânico, conseqüentemente). O trabalho, então, tem o papel elementar de permitir o “afastamento das barreiras naturais” por demandar novos complexos durante o seu processo prático. Assim, Lukács busca também compreender outros complexos sociais, tais como a linguagem, o direito e a economia através dessa categoria elementar.

A separação entre o ser humano natural (biológico) e social se mostra difícil para o pensamento. Porém, o modo de sociabilidade humano se complexifica, através do trabalho, e certos processos que anteriormente eram meramente biológicos, começam a se estruturar noutro sentido.

“O ser humano pertence ao mesmo tempo (e de maneira difícil de separar no

pensamento) à natureza e à sociedade. Esse ser simultâneo foi mais claramente reconhecido por Marx como processo, na medida em que diz, repetidas vezes, que o processo do devir humano traz consigo um recuo das barreiras naturais. É importante enfatizar: fala-se de um recuo, não de um desaparecimento das barreiras naturais, jamais sua superação total. [...] De outro lado, vê-se que, também aquelas funções do seu ser que permanecem sempre naturalmente fundadas, no curso do desenvolvimento da humanidade se sociabilizam cada vez mais. Basta pensar em alimentação e sexualidade, nas quais esse processo deve ser evidente para cada um.”

(LUKÁCS, 2011. p. 37)

Lukács traz o exemplo da sexualidade e da alimentação – processos naturais que no processo de sociabilização vão adquirindo contornos no sentido de um complexo social – o qual não pode mais ser descrito, ou compreendido, apenas pelo seu sentido biológico. Nesse sentido, há uma superação do entendimento de que apenas os fenômenos fisiobiológicos regulam nossos comportamentos e fenômenos. É nesse momento fundamental, de distinção do meio biológico, que surge a importância da categoria do trabalho no sistema filosófico lukacsiano.

É perceptível a crítica a uma certa concepção materialista⁴ ao afirmar que determinados processos sociais têm, para além das determinações do meio natural, outras que o determinam inclusive de maneira mais decisiva. Nesse caso, o que determina os complexos sociais é a praxis humana, ou seja, sua atividade com o meio exterior.

Lukács define o ser social enquanto um “complexo de complexos”. Assim, em seu ser, estão unidos diversos complexos (o Direito, a Economia, a Cultura) que são determinados por sua atividade prática. É importante ressaltar que com essa posição,

4 Concepção materialista reducionista. Tal concepção busca compreender os fenômenos sociais a partir dos físicos e biológicos.

Lukács busca superar uma concepção materialista mecanicista – que reduz tudo aos processos econômicos – sem abrir mão do materialismo marxiano.

Outros complexos sociais – que não o trabalho – teriam, portanto, fundamento no trabalho. Esses surgem simultaneamente com a práxis humana, seu metabolismo com a natureza, em virtude da satisfação das suas necessidades. A linguagem, como foi dito anteriormente, surge como forma de organização e otimização de determinadas situações práticas. Lukács utiliza como exemplo, também, a ideologia e como esta – e tudo que é oriunda dela, como os sistemas de normas – advém do trabalho.

“A execução constante e correta do trabalho produz conflitos continuados, até diários, hora a hora, e o modo de sua decisão muitas vezes pode conter, direta ou indiretamente, questões vitais para a respectiva sociedade. Por isso, a ideologia – em última análise – tem de ordenar essas decisões isoladas em um contexto de vida geral dos seres humanos e esforçar-se por esclarecer ao indivíduo como é indispensável para sua própria existência avaliar as decisões segundo os interesses coletivos da sociedade.”

(LUKÁCS, 2011. p 43)

Assim, mesmo um sistema extremamente complexo como a ideologia e as normas sociais, essas são oriundas da práxis humana. Tendo isso em vista, é importante ressaltar que, dessa maneira, Lukács também está propondo uma inversão em certas correntes filosóficas que têm como elemento central a linguagem, ou a ética, ou qualquer outro complexo social. Nesse caso, o filósofo húngaro propõe uma compreensão ainda mais elementar, fundamentando toda a sociabilidade humana na sua atividade prática, retirando da sua ontologia qualquer entendimento transcendental – no sentido metafísico – ou idealista, buscando sempre a ligação com o materialismo histórico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS - A DEFESA DA ONTOLOGIA NA CONTEMPORANEIDADE

O objetivo deste trabalho foi apresentar – apenas parcialmente – a ontologia de Lukács, conceituando principalmente a categoria do trabalho e como esta se faz crucial no entendimento do seu sistema filosófico. Também, me propus a dar alguns apontamentos sobre a importância não só filosófica, como também política da Ontologia do Ser Social, as implicações que o seu pensamento tem para a tradição marxista e os objetivos que o filósofo húngaro tinha para o confronto político e ideológico dentro do bloco socialista do século XX.

Inegavelmente, Lukács foi um dos mais importantes marxistas – e filósofos – do século XX. Seu modo de interpretar e conceituar o marxismo fundaram uma nova forma de entendimento, que não é a única, por certo, dentro da tradição. Na sua empreitada, fica claro que seu objetivo de construir uma ontologia global, que abarcasse todas as esferas do Ser, aparentava ser inócuo num período da filosofia na qual a ontologia, a metafísica e as compreensões totalizantes do Ser estavam em baixa.

Há, de certa forma, a recuperação de um legado filosófico deixado pelos modernos. Em nenhum momento, Lukács deixa de se utilizar de categorias modernas, como a subjetividade ou a consciência. Em certo momento na Ontologia do Ser Social, o autor inclusive utiliza categorias aristotélicas, como a *dynamis*, para compreender o movimento do ser. Assim, apesar do embate com a tradição (as críticas ao pensamento hegeliano, por exemplo), há um legado, principalmente moderno, com o qual o autor nunca deixa de operar.

A manutenção dessas categorias modernas, principalmente a subjetividade, mostra como Lukács era um pensador único no seu tempo. Ao contrário do que seria depois entendido como a característica da contemporaneidade filosófica – a desconstrução do sujeito, o primado da linguagem, a superação da metafísica – Lukács operou com categorias clássicas da filosofia na tentativa de resgatar o pensamento de Marx contra o mecanicismo e o economicismo, muito presentes na sua época.

Contudo, não somente era esse o objetivo do autor com o seu clássico livro. Também, foi ele um grande crítico de várias correntes da filosofia do início do século XX. Por isso, é notória a relevância de Lukács não só para a tradição marxista, como também para toda a filosofia contemporânea, que viu no seu representante húngaro um defensor de uma abordagem filosófica – por vezes compreendida como altamente abstrata – como fundamental para suas concepções políticas e práticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Perry. **Considerações sobre o Marxismo Ocidental**. 176. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1976.

ENGELS, Friedrich. **Dialética da Natureza**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LESSA, Sérgio. Lukács e a ontologia: uma introdução. **Revista Outubro**, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 83-100, fev./2001.

LUKÁCS, Gyorgy. **Para uma Ontologia do Ser Social II**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

LUKÁCS, Gyorgy. **Prolegômenos para uma Ontologia do Ser Social**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2010.

LYOTARD, Jean-françois. **A Condição Pós-Moderna**. 12. ed. São Paulo: José Olympio, 2009.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl. **O Capital**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2012.

TERTULIAN, Nicolai. Nicolai Hartmann e Georg Lukács: uma aliança fecunda. **Crítica Marxista**, Campinas, v. 1, n. 33, p. 115-125, abr./2011.

TERTULIAN, Nicolas. Uma apresentação à Ontologia do ser social, de Lukács. **Crítica Marxista**, São Paulo, Brasiliense, v.1, n.3, 1996, p.54-69.